



»Entrevista | ROBERT J. O'NEILL | MILITAR NORTE-AMERICANO

Integrante da Equipe 6 dos SEALs (tropa de elite da Marinha dos Estados Unidos) que alega ter matado Osama bin Laden fala em sorte e trabalho árduo e relata o encontro com o terrorista que inspirou os ataques de 11 de setembro, há 25 anos

“Bin Laden caiu e chegou a hora de limpar o quarto”

» RODRIGO CRAVEIRO

Há quase 25 anos, em 11 de setembro de 2001, um esquadrão formado por 19 terroristas sequestrou quatro aviões comerciais nos Estados Unidos. Dois deles foram lançados contra as Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York; um terceiro atingiu

o Pentágono, em Washington; e um quarto foi derrubado pelos próprios passageiros em um campo aberto da Pensilvânia, depois que tentaram tomar o controle da aeronave. Naquela manhã de terça-feira, Robert J. O'Neill, integrante dos SEALs, a tropa de elite da Marinha dos Estados Unidos,

assistia pela televisão, da Alemanha, a cerca de 3 mil americanos serem assassinados. Uma década depois, na madrugada de 2 de maio de 2011, O'Neill e 22 colegas da equipe 6 dos SEALs desembarcaram de helicóptero diante de uma casa de três andares, cercada por muros de 5m de altura com arame

farpado, em Abbottabad, no norte do Paquistão. Então com 35 anos, O'Neill vasculhava o último piso do imóvel quando ficou cara a cara com Osama bin Laden, o líder da Al-Qaeda. O militar garante que foi o responsável por matar o terrorista mais procurado do mundo, com dois tiros no rosto. Em

entrevista exclusiva ao **Correio Braziliense**, ele diz que se sentiu honrado em fazer parte da equipe que eliminou Bin Laden. “Eu estava convencido de que ele não ia se render e que explodiria todos nós, ali mesmo. Então, ele caiu e chegou a hora de limpar o quarto”, relatou.

Qual o significado de ser o SEAL que matou o terrorista mais procurado do mundo?

Foi uma honra ter sido escolhido para integrar aquela que considero a maior equipe de operações especiais já reunida. Os EUA tinham à disposição excelentes operadores de todo o nosso espectro de forças, e muitos homens poderiam ter cumprido a missão. Aquilo foi um reflexo da imensa quantidade de trabalho duro e dos anos de sacrifício que eu havia empregado — e que também vi meus companheiros de equipe se dedicarem.

Que sentimentos você tem em relação ao sucesso da missão?

Eu havia servido ao lado dos melhores operadores do mundo e testemunhado o trabalho incrível que eles são capazes de realizar. Saber que eu estava entre os 23 melhores disponíveis para eliminar o terrorista número um do mundo foi uma honra, mesmo antes de a missão ocorrer. Ter sido o homem a efetuar os disparos que eliminaram Osama bin Laden provou que a sorte é o ponto de encontro entre o trabalho árduo e a oportunidade.

Naquele dia, quando você tinha Bin Laden ao alcance de sua arma, do que você se lembra exatamente?

Quando o vi, fiquei surpreso com o quão alto e magro ele era. Surpreendeu-me ver que a barba dele era muito grisalha. Eu estava convencido de que ele não iria se render e que explodiria todos nós, ali mesmo. Então ele caiu, e chegou a hora de limpar o quarto. Foi a primeira vez que permiti que o pensamento de sobreviver naquela noite passasse pela minha cabeça.

Arquivo pessoal



Rahimullah Yosafzai/AFP



SETH MCALLISTER/AFP



Robert J. O'Neill (E), hoje com 50 anos, ficou cara a cara com Bin Laden (C), mentor do maior ataque terrorista da história (D): orgulho em fazer parte da missão em Abbottabad



Ter sido o homem a efetuar os disparos que eliminaram Osama bin Laden provou que a sorte é o ponto de encontro entre o trabalho árduo e a oportunidade"



A operação nos deu unidade. Nós provamos que podemos enviar pessoas para a casa de alguém — e até ao quarto — para capturá-lo a qualquer momento que quisermos"

Depois da operação em Abbottabad, o senhor acredita que o mundo se tornou mais seguro?

O mundo não se tornou um lugar mais seguro, mas a operação nos deu momentos de unidade. Nós provamos, no entanto, que podemos enviar pessoas para a casa de alguém — e até ao quarto — para capturá-lo a qualquer momento que quisermos. É bom que as pessoas saibam disso.

Onde estava naquele 11 de setembro de 2001 e quais foram suas impressões?

Eu estava em Stuttgart, na Alemanha, em uma missão de seis meses com a Equipe 4 do Seal. Tinha acabado de concluir uma rotação de 40 dias como atirador de elite no Kosovo — algo que eu imaginava ser o mais próximo da guerra que eu iria vivenciar. Ao assistir aos ataques, soube que toda a minha existência havia mudado.

Quais foram os momentos mais tensos da operação que eliminou Bin Laden?

Os momentos mais intensos em Abbottabad foram quando chamamos o helicóptero para nos buscar. Tínhamos que explodir o primeiro helicóptero, que havia caído no quintal da frente. O tempo de execução precisava ser tão preciso que estávamos preocupados sobre explodir o outro

helicóptero. Então, tivemos um voo de 90 minutos, em que coríamos o risco de ser abatidos por caças paquistaneses — mas, se sobrevivêssemos a isso, eu poderia rever meus filhos.

O senhor presenciou o sepultamento dele no mar?

Não. Entreguei Osama bin Laden a dois militares do Exército e eles o levaram embora.

Nunca o vi sendo “enterrado” no Oceano Índico.

Quando teve ideia do que o senhor e seus colegas fizeram naquele 2 de maio de 2011?

Percebemos que tinha sido uma missão de grande porte quando a Equipe 6 dos SEALs estava em toda parte na internet, e havia estudantes universitários bêbados comemorando na Casa Branca e em Nova York.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

SUPREMA CORTE E SEU DESTINO

Suprema Corte, Conselho Constitucional, Corte Suprema da Nação, Tribunal Constitucional, Corte Suprema de Casação, ou Supremo Tribunal Federal, como é chamado no Brasil, é o ponto mais alto da Justiça e orientador da correta aplicação da lei da maioria dos países. Com 14 juízes nomeados pelo primeiro-ministro e o presidente pelo Imperador, a Suprema Corte japonesa adota o sistema de rejeição popular ao nome apresentado nas eleições. Oficialmente informados por distribuição do currículo e dos julgamentos que os indicados participaram, os eleitores vão às urnas. Se concordarem com o nome, não fazem nada. Se discordarem, marcam um X no nome a ser destituído. O direito dos ricos problemáticos e poderosos políticos amigos de juízes sempre foi um problema para a Suprema Corte dos Estados Unidos, a democracia mais sólida do mundo. Há casos de juízes que favorecem o governo protegidos por senadores

com poder, e não importa se são de esquerda ou de direita. Como estão no ápice de suas virtudes políticas por serem juízes, são protegidos por sócios de tribunais e por uma sociedade hipnotizada pela política partidária. Mas o que mais protege o mau juiz de Suprema Corte no mundo é a esgrima que usa para intimidar colegas que os acusam. E um dos principais argumentos do pilhado em erro é denunciar a quebra da cadeia de custódia, o clichê dos advogados dos poderosos. O acusado poderoso, normalmente aliado de alguém amigo da polícia que produz parecer customizado, destrói o poder civil da democracia e intimida o tribunal para nem tentar enfrentar o ilegal destemido. Juízes de autoridades desonestas vivem um tormento na sua função pressionados para dar condução partidária à “coisa”. Interesses partidários acionam o jogo bruto constitucional de defesa da autoridade aliada. Nas Supremas

Cortes do mundo, quem está correto é que costuma ser acusado de incorreção. Um dos motivos disso é a inutilidade dos juízes honestos que, como feriados de domingo, nada fazem, como santos do pau oco. A hospitalidade pessoal concedida a quem julga, a vida social de juízes de palestras que se misturam com a política interessada em sentenças, deveria tornar obrigatório ao juiz reportar a oferta de simpatia como crime. E nos EUA, quando conta com um FBI (polícia federal) governista, ou opositorista, todos estão liberados para não achar nada um escândalo. Na política e na economia não choca nenhum defeito, nem a qualidade da torpeza. E tribunal político tudo pode, inclusive levar a democracia ao abismo. Na democracia dos juízes a tradição internacional é não punir juiz de Suprema Corte. Dois casos emblemáticos ocorreram nos EUA e na Índia.

Abe Fortas é o único caso de ministro da Suprema Corte dos EUA que renunciou em meio a acusações sobre conflitos de interesse que davam base para pedidos de impeachment. Indicado por Lyndon Johnson nos anos 1960, Fortas foi advogado de Johnson antes da indicação. A primeira suspeita sobre Fortas eram US\$ 15 mil que recebera por palestras para uma universidade. A suspeita era que o valor estava acima do que se pagava por palestras e que o dinheiro tinha sido levantado por doadores privados com interesse em casos decididos na Suprema Corte. Isso abalou Fortas, mas o que fez cair foi a revelação de que teria recebido US\$ 20 mil de um enrolado financista que acabou preso por manipular o mercado financeiro e tentar obstruir a Justiça. Fortas admitiu a “aparência” de conflito de interesse e devolveu o dinheiro. Mesmo assim, preferiu renunciar. Cabe notar que US\$ 15 mil ou US\$ 20 mil nos anos 1960 valiam muito mais do que hoje, mas passam longe de US\$ 1 milhão que seja. Equivalem “apenas” a valores abaixo de duas centenas de milhar em dólares de

2026. Ou seja, na hierarquia da corrupção era um juiz fraco! Por sua vez, V. Ramaswami foi o primeiro ministro da Suprema Corte da Índia a sofrer processo de impeachment na história do país. Quando o processo foi votado, em 1993, todos os 196 votos do Parlamento foram a favor do impedimento de Ramaswami, acusado de uso extravagante e irregular de recursos públicos desde 1990, um ano após chegar à Corte. Entretanto, a resolução não alcançou a maioria constitucional necessária de dois terços. Houve ampla abstenção e Ramaswami continuou no cargo até aposentar. Se há renúncia, é sempre por razões pessoais. Fora disso, a equação é política: pode ser removido pela própria Corte ou sofrer impedimento por partidos. Até no erro o privilégio se anuncia. Há momentos em que a indignação é mais transformadora do que o acordo de cavalheiros, se este pacifica instituições deformadas. Em qualquer situação a ausência de consciência do erro é muito pior do que o erro.

PAULO DELGADO, sociólogo